

VÔOS IMAGINÁRIOS NA (DES)COBERTA DA NAÇÃO: TEORIA, COMUNICAÇÃO E IDEÁRIO NACIONAL¹

Cristina Maria da Silva

- | -

Eliminar de uma vez por todas o sentido das palavras, eis o objetivo do terror!

Jean François Lyotard

Compreendemos que o V Centenário de ‘Descoberta’ do Brasil surge como um processo que não encerra seu percurso em 22 de abril de 2000. Num *clima de comunicação*, imagens sob diversos prismas têm sido projetadas, principalmente em nossas telas, o que não nos permite enquadrar, na discussão sobre os 500 anos, os poderes que estão em jogo – o econômico, o político ou as relações de gênero - como provenientes de uma única força, mas como o

¹Este artigo é um desdobramento da pesquisa “Análise social das imagens de poder, sexo e sacanagem no V Centenário de “Descobrimento” do Brasil, vinculada à linha de pesquisa do Mestrado em Políticas Públicas: Poder, Linguagem e Comunicabilidade Governamental, da Universidade Estadual do Ceará - UECE.

encontro e a utilização desses e de outros poderes na construção de um ideário do que sejam esses 500 anos para o Brasil.

Sendo assim, afastamo-nos das discussões que se detêm em abordagens sobre o poder da imagem, ainda que importantes, pois previamente consideramos que, do ponto de vista tanto teórico como do desenvolvimento dos meios comunicacionais, temos sido tomados por *imagens de poder*, na abordagem do “descobrimento” e do “redescobrimento” do Brasil. Tal fato tem marcado o processo de elaboração e de transformação de consciência social.

As interpretações sobre o que sejam as origens do Brasil são marcadas por um conjunto de imagens complexas e ambíguas, permeadas por uma “teia de relações” na qual dominação, desejo, submissão e desenvolvimento econômico parecem fazer parte de um mesmo sistema.

As leituras sobre o Brasil feitas, por exemplo, por Caminha, Prado ou Freyre não se configuram de forma clara e simples. Ao invés disso, “se desintegram, como a nossa imagem numa casa de espelhos, deixando não uma essência básica [...], mas uma multiplicidade de reflexões, de representações e sentidos culturais que cortam a tessitura social...” (PARKER, [19—], p. 54).²

Com o processo de “ficcionalização” do real, examinado por Augé,³ promovido no Brasil, sobretudo pela televisão, as imagens se sucedem ininterruptamente e de forma silenciosa diante de nossos olhos, disseminando “relações de poder”, produzindo realidades.

Os acontecimentos e as convenções sociais são transmitidos sem que possam ser analisados pelo espectador, e, mesmo que exista um autor, este se encontra ausente de sua consciência. As imagens transmitidas pela mídia surgem em nosso cotidiano e de forma familiar, fazendo-nos ter a sensação de que as escolhemos, quando, na verdade, estamos envolvidos num processo mediante o qual optamos, mas não decidimos.

Entendemos as *imagens de poder* elaboradas nesses 500 anos a partir da análise foucaultiana, segundo a qual o poder não pode ou não deve ser

2 PARKER, Richard. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, [19—].

3 AUGÉ, Marc. *A guerra dos sonhos: exercícios de etnoficção*. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

analisado como algo fixo em um único lugar, mas proveniente de vários lugares, por meio de relações móveis e desiguais.

Sendo assim, referimo-nos à projeção de imagens, na teoria e na mídia televisiva, sobre o que seja a nossa realidade, compreendendo que, de modo algum, os sujeitos nelas representados, ou que as observam ou analisam estão num campo de passividade e neutralidade. E mesmo aqueles que as produzem não determinam seus sentidos.

Não podemos abordar o desenvolvimento da cultura contemporânea, eletronicamente mediada, de modo unilateral ou determinista, mas numa rede complexa de “interações sociais”. Pensamos que, atualmente, a fronteira entre o real e o ficcional não é nítida, ainda que num lugar ou num *não-lugar* ela exista.

Embora não tenhamos apreendido esse processo, reconhecemos que as imagens de uma nação ou de uma nacionalidade brasileira têm sido difundidas num *clima de comunicação*, e isso tem marcado nosso imaginário coletivo.

Em 9 de novembro de 1996, a Central Globo de Produções – CGP –, através do Programa *Globo Repórter*, lançou o *Projeto 500 anos*,⁴ envolvido num *clima de comunicação*. Entendemos que esse tem sido um “processo comunicativo”, não apenas de uma transmissão de mensagens de uma fonte para um receptor. Há uma institucionalização de *bens simbólicos* difundidos em objetos e imagens que perpassam a “arena social”, na qual os diversos segmentos sociais têm expressado, ainda que de modo desigual, suas análises sobre o significado desses 500 anos.

Consideramos que esse projeto resgata mitos e os reelabora, tendo como suporte a concepção das *raízes histórico-sociais do Brasil*. História e mito se fundem e, mesmo que os elementos da estrutura social brasileira sejam constituídos de modo arbitrário, nas imagens e nos discursos eles se encontram ajustados numa lógica e numa “situação estratégica”.

A difusão do V Centenário surge marcada pela idéia de *intervenção do Estado* no curso da história e moldada pela relação entre o intelectual e o poder. Com o ressurgimento da idéia de “descobrimento” do Brasil, resgatamos em nossos estudos o pensamento do historiador Francisco Adolfo de Varnhagen

4 Material registrado em vídeo e analisado no Projeto de Pesquisa do Dr. Ubiracy de Souza Braga: *A Sociedade como Valor-de-Infôrmação*, para o CNPQ.

(1816-1878), que formulou, primeiramente, uma *História para Brasil*, pois percebemos que existem elementos semelhantes entre sua proposta e o *clima de comunicação* promovido pela Central Globo de Produções.

Concluimos, a partir disso, que os vetores teóricos e mediáticos têm sido marcantes na construção de nosso imaginário. Mas o que é o nosso imaginário hoje?, indaga-nos Augé.⁵

Para responder a essa questão não basta fixarmos o olhar unicamente no presente, há que retornarmos atentamente a um passado que está sempre à espreita, sondando-nos numa relação entre o próximo e o distante, ou através de uma história “entre dois-mitos”, uma característica própria das relações coloniais, que, de certo modo, bloqueia o acesso a rupturas e a uma modernidade efetiva.

Varnhagen traçou um perfil de um país independente e de um passado glorioso por meio de um *Projeto Nacional Brasileiro*, sob a proteção do Imperador D. Pedro II. De acordo com José Carlos Reis,⁶ com o processo de independência a jovem nação precisava de historiadores para legitimar-se. Sendo assim, necessitava de um passado do qual pudesse orgulhar-se para avançar com passos firmes rumo ao futuro.

Varnhagen tomou para si essa tarefa, sendo o primeiro “grande inventor do Brasil”, por meio de uma história de visão heróica do colonizador português e de suas contribuições para a construção da identidade da “nova nação”. O colonizador havia trazido em si a representação do progresso, das luzes e da civilização. Portanto, a trajetória mais sólida seria dar continuidade aos valores trazidos com as caravelas.

O passado colonial devia, portanto, ser reconstruído como suporte de um Brasil branco e europeu. A interpretação de Varnhagen articulou os interesses dos “descobridores” do Brasil e, longe de ter um abordagem imparcial e objetiva, sua teoria esteve comprometida com a dominação colonial e justificou a submissão do povo e os direitos das elites.

Embora o delineamento de sua obra esteja ligado à construção da nação, legitimando o poder do Estado e do colonizador, ratificando uma “psicologia

5 AUGÉ, op. cit., nota 2.

6 REIS, J. C. *As identidades do Brasil*: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

do colonizado”, Varnhagen projetou isso de maneira mais perceptível, ao envolver-se numa leitura do encontro das três raças – o índio, o branco e o negro – pelo processo de miscigenação, defendendo nessa obra o branqueamento.

O autor projetou todo o seu desejo em *discursar* sobre a nação brasileira ao fazer sua leitura e sua tradução, em 1877, da carta que é considerada a “Certidão de Nascimento do Brasil”: a carta de Pero Vaz de Caminha.

A edição da Carta de Caminha, guardada originalmente na *Torre do Tombo*, em Lisboa, tem sido publicada e traduzida em diversas línguas. São sete edições: a do Padre Manuel Aires de Casal, em 1817, no Rio de Janeiro (da qual foram retiradas as passagens referentes à sexualidade) e em Lisboa, em 1826, na Coleção de Notícias para a história e a geografia das nações ultramarinas; por Varnhagen, no Rio de Janeiro, em 1877; na Revista do Instituto Histórico-Geográfico; e novamente em Lisboa, seguidamente, nos volumes das *Ciências* e da *Torre do Tombo*, publicados em 1892 para celebrar o descobrimento da América; no *Livro do Centenário*, no Rio de Janeiro, em 1900, e, no mesmo ano, na Bahia, com duas transcrições, uma em português da época e outra já do início do século XX.

Essa carta é considerada a “Certidão de Nascimento do Brasil”, mesmo tendo sido publicada apenas no século XIX. Do ponto de vista literário, ela se insere num período denominado Quinhentismo, referente à fase em que ainda não se podia falar de uma literatura brasileira, mas da introdução da cultura européia, delineando as suas ambições, intenções e visão de mundo dos “descobridores”. Caminha expõe claramente os objetivos que impulsionaram os homens europeus: a busca por bens materiais e o prolongamento dos domínios da fé cristã.

Segundo o seu relato, o olhar do português voltava-se primeiramente para a nudez dos indígenas. Ele afirma que os índios “nem fazem mais caso de encobrir suas vergonhas”, como se já o tivessem feito. Os portugueses traziam em si os parâmetros de uma sociedade que tinha uma moral e costumes que, aparentemente, poderiam não se enquadrar na organização social existente no “Novo Mundo”. Mesmo assim, iniciaram suas conquistas pelo corpo feminino, antes mesmo da exploração das terras e das riquezas.

Os índios são vistos e apresentados com extrema satisfação e entusiasmo, suas características físicas impressionam os portugueses. As índias são descritas com muita precisão de detalhes, o que revela o impacto de suas feições sobre o escrivão da frota e sobre os outros navegadores. São caracterizadas como “bem novinhas e gentis, bem feitas, redondas e de vergonhas graciosas”, e em

seu ponto de vista “eram tão inocentes que mesmo nuas não pareciam mal e não havia nisso desvergonha nenhuma”.

Se por um lado se aproximaram do povo indígena, tolerando-os para amansá-los, com o intuito de tirar proveito de sua mão-de-obra e explorar a riqueza de suas terras, por outro, como ressalta Paulo Prado em *Retrato do Brasil*, os colonizadores sentiam-se enormemente atraídos pelas índias, pois elas exalavam uma sensualidade que eles não conheciam nas mulheres européias; elas assaltavam a imaginação dos recém-chegados pelos encantos da nudez total.

Assim as primeiras *imagens de poder* sobre a formação dos “mitos de origem” ou a “ideologia das relações de gênero”, fazendo aqui uma alusão a Parker,⁷ surgem imbricadas pelas concepções de dois olhares, em sua essência, portugueses: o de Caminha e o de Varnhagen, num jogo de interpretações e de fascínio, na idealização de mentes desejantes e sonhadoras diante das delícias de uma terra entre o céu e o inferno e muito além do bem ou do mal. Ou não?

Varnhagen, de alguma maneira, pode ter-se embriagado nas palavras de Caminha ao traduzi-lo, e talvez não nos seja possível definir o que é próprio de um ou de outro, pois, como afirma Certeau, “toda leitura modifica o seu objeto” (CERTEAU, 1994, p. 264).

Compreendemos que não há como dissociar os discursos e as interpretações sobre a construção da nação brasileira da sexualidade e, sobretudo, das referências sobre a mulher, uma visão que irá cercar as representações sobre as origens do Brasil, no período do “descobrimento”, como nos indica Parker:⁸ “é uma visão de paraíso e de inferno [...] uma visão centrada na questão da vida sexual, na sensualidade e no erotismo, não menos que no potencial óbvio da utilização econômica e da colonização” (PARKER, [19—], p. 33).

Percebemos que as imagens relacionadas à “descoberta” e “redescoberta” do Brasil surgem imbricadas ao corpo feminino, que toma a forma de um símbolo muito complexo, pois, a nosso ver, tem sido mais do que um objeto de prazer e de desejo, mas um espaço imprescindível para analisarmos as relações de poder na constituição da “nova terra” e para buscarmos perceber

7 PARKER, op. cit., nota 1.

8 PARKER, op. cit. nota 1.

que significados são nele combinados nas representações imagéticas de um modelo cultural ideal.

Esse modelo carrega a força simbólica da “perda” dos valores europeus, devido à exuberante sensualidade das mulheres, porém também do corpo feminino vem o ventre originador da população brasileira.

No entanto, não permanecerá esse corpo sendo o palco de formação de uma “identidade nacional”? Não terá sido o corpo feminino marcado pela legitimação dos “mitos de origem” ou da “ideologia das relações de gênero”?

Consideramos que, na análise do processo de expansão, conquista e “redescoberta virtual”, o corpo feminino torna-se um espaço imprescindível para ser estudado, como *bem simbólico*, pois “o corpo é reflexo da sociedade [...] ao corpo se aplicam sentimentos, discursos e práticas que estão na base de nossa vida social [...] é emblemático de processos sociais” (FERREIRA, 1994).⁹

Dos relatos e impressões que nos são apresentados, no entanto, conhecemos não propriamente a representação fidedigna de Caminha, ou o retrato das relações aqui existentes, mas a leitura de Varnhagen. Essa, por sua vez, é seguida por Gilberto Freyre, denominado por Reis¹⁰ como um “neovarnhageniano”.

Embora a análise de Freyre traga uma original contribuição historiográfica, por sua inovação teórico-metodológica, nela predomina o discurso das elites. Por intermédio de uma renovação de fontes e numa linguagem adocicada, Freyre conserva a realidade brasileira numa abordagem continuísta, patriarcalista e conservadora. Mesmo vendo a História por inúmeros lados, faz disso um instrumento para construir uma tese sem censuras ou reservas, para o deleite das elites patriarcais.

Enquanto Varnhagen se coloca otimista quanto ao passado e ao futuro, Freyre, vendo o mundo português “nafragando”, em 1930, volta-se para o passado, temendo o futuro. Uma nação moderna poderia questionar a ordem oligárquica, escravocrata e patriarcal. Sua postura é fria, por aceitar e valorizar sobretudo a presença negra, como se a miscigenação não tivesse surgido a

9 FERREIRA, Jaqueline. O corpo sgnico. In: ALVES, Paulo César (Org.). *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

10 REIS, op. cit. nota 5.

partir de erros e crueldades, mas extremamente rica, por nos permitir apreender mais da lógica que embasa o pensamento conservador.

Ao optar por um novo mundo nos trópicos, Freyre fez um reelógio ao colonizador. Este não somente havia promovido um passado glorioso para a sociedade brasileira, mas também tinha sido o criador de algo inusitado. Mesmo substituindo o conceito de raça pelo de cultura, o autor assume uma postura na qual ambos estão estreitamente relacionados. Portanto, os dois intérpretes do Brasil, acima citados, fazem parte de uma mesma moeda, cunhada pelas naus e pela “Casa-Grande”.

A noção de tempo, em Freyre, é sem relógio, sem pressa. Em sua ampulheta, “o que se tem não é areia ou água, que descem rapidamente, mas um melado mel que desce em um fio viscoso e lento”.¹¹

Com o desenvolvimento das tecnologias comunicacionais, o tempo acelerase, mais do que nunca se utiliza relógio, ou relógios, para marcar o que teria sido a origem de tudo, o momento no qual a nação brasileira entrou para a História. Freyre não deveria ter-se preocupado, outros surgiram para legitimar ou para fornecer modelos para o País por outras imagens, não menos complexas e ambíguas.

Referimo-nos à coincidência ou não de termos, mais uma vez, um projeto de âmbito nacional, que busca definir um perfil para nossa realidade, o da Central Globo de Produções (CGP). Esta assume um papel de “nova historiadora”, com um forte poder de argumentação: 17 emissoras de TV e 20 estações de rádio. Como resistir aos encantos de uma “mestra de cerimônias” tão glamorosa e expressiva? Uma “anfitriã” que tenta persuadir-nos de ter chegado antes de todos para relatar uma pretensa “verdade” sobre onde estão nossas raízes e onde se inicia nossa história. O que rege todo esse otimismo quanto ao futuro da nação?

Consideramos que existem características comuns entre o pensamento de Varnhagen e o Projeto 500 Anos. Ou será pura casualidade o fato de o jornalista Roberto Marinho ocupar, na Academia Brasileira de Letras, o lugar outrora de Varnhagen?

11 KUJAWSKI, apud REIS, 1999.

No entanto até que ponto a nação atualmente necessita desse projeto? Será que, como Varnhagen, a Rede Globo é tão imprescindível para a nação brasileira, ou é ela quem nos faz acreditar que sim?

De acordo com Maria Rita Kehl (1986), a pretensão da Rede Globo, ao difundir-se através de “bens simbólicos” no cenário nacional, não é a de unificar a nação como “povo”, mas como público. Portanto, seu projeto de integração nacional surge mais em nível de imaginário do que de modo uniformizador e determinante. Sua intenção talvez seja seduzir o máximo possível mediante suas impecáveis imagens, legitimando seu espaço.

Atualmente, a história prossegue construída pelas elites, com uma estreita relação entre o intelectual e o poder. Diante de tantas disparidades sociais, o Presidente Fernando Henrique Cardoso declarou, em Hannover, Alemanha, referindo-se ao custo financeiro para a participação do País naquela exposição, que, na verdade, “o que importa é a imagem”.

Em seu pronunciamento, vinculado no Jornal Nacional da Rede Globo, em 13 de dezembro de 2000, durante a visita do Presidente da África do Sul ao Brasil, afirmou: “costumo dizer que gostamos de ser misturados e que quem olha para ele pode perceber que, no Brasil, branco é um conceito relativo”.

O que aparentemente pode parecer uma consciência crítica é a legitimidade de uma postura astuciosamente assumida, tendo como suporte a compreensão e a análise de uma realidade fornecida pelo conhecimento.

Mais uma vez, não há como buscar no olhar das elites o conflito; ele pode tudo, por isso somos marcados por *discursos e imagens* que tentam persuadir-nos de que vivemos numa “Democracia Racial”, apesar de nossos graves problemas sociais e desigualdades econômicas.

Os “mitos de origem” permanecem sendo elementos essencialmente relevantes na reflexão sobre a sociedade brasileira. Por isso, consideramos que esses mitos permanecem, mesmo que revestidos com outras roupagens em nossa arena social. Parker¹² afirma que, para analisar a sexualidade brasileira, é preciso que se dê um passo atrás na história, pois os sentidos a ela atribuídos

12 PARKER, op. cit., nota 1.

merecem ser estudados devido à sua influência incomum em nossa história cultural.

Até que ponto teoria e mídia podem tornar-se “armas culturais”? Pretextos de leis que legitimam, produzindo mais que um modelo discursivo, sendo elas próprias “inventoras” do real e do vivido?

A Central Globo de Produções tem estabelecido um padrão heteroerótico, branco e dominante, ao referir-se aos repertórios sobre masculinidade, como nos indica Medrado,¹³ como se não tivesse acompanhado o desenvolvimento das discussões históricas sobre Gênero e Sexualidade, se é que tenham avançado. Será que em uma sociedade arraigada por uma cultura patriarcal poderia ser de outra maneira? “Ser branco é realmente algo relativo no Brasil”?

Alguns têm discutido sobre uma “transformação nas intimidades” e na ocorrência de uma “reflexividade institucional”. No entanto, a “Casa-Grande” ainda não se desmanchou completamente em nós. Cotidianamente, ela se apresenta por meio de imagens da mídia, de grupos musicais e de sua letras na projeção de uma sexualidade utilitarista, na qual tudo o que seja considerado feminino é subordinado ou excluído.

Não podemos ou não devemos crer que um modelo de sexualidade corresponda aos desejos e anseios de todo os sujeitos de uma sociedade. Porém sua imposição, por meio de várias *instâncias desiguais e móveis*, demonstrando que temos uma sexualidade, o torna relevante. Sendo assim, consideramos ser oportuno analisar a relação entre sexualidade e sacanagem na sociedade brasileira.

Resgatamos o conceito de sacanagem, que não tem tradução para outros idiomas, sendo, portanto, próprio da cultura brasileira, por percebermos como esse conceito se apresenta intrinsecamente associado à idéia de sexualidade e, segundo Parker,¹⁴

13 MEDRADO, Benedito. *O masculino na mídia: repertórios sobre a masculinidade na propaganda televisiva brasileira*. 1997. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

14 PARKER, op. cit., nota 1.

...liga noções de agressão e hostilidade, brincadeira e diversão, excitação sexual e prática erótica num único e complexo simbólico. Usada de forma positiva ou negativa, indicando injustiça e violência (simbólica), brincadeira, gozação, obscenidade e ofensas sexuais, materiais eróticos e pornográficos [...] sacanagem indica desobediência às leis em decoro [...] corresponde a formas de transgressão ou “rebelião simbólica” (Parker, [19—], p.159).

Será esse um instrumento de rompimento das normas sociais, ou fará também parte da construção social de uma verdade, ou melhor, como diria Foucault, de um “fato discursivo”?

Não nos interessa, do ponto vista sociológico, discutir a veracidade ou não de uma (des)coberta; importa-nos nesses 500 anos deter-nos naqueles que nos falam, os lugares de onde nos falam e o que nos falam. Longe de pensarmos numa operacionalização de rupturas históricas, direcionamo-nos para a análise da permanência e resgate de mitos e discursos. Ainda que o cenário social se diferencie e novos modelos de feminilidade se circunscrevam na trajetória nacional, estes seguem cercados pelo contexto social que produziu um passado não muito distante.

Embora cercados por dispositivos que nos prendem ao passado, pretendemos traçar “microrresistências”, fundando “microliberdades”. Michel de Certeau traz-nos uma grande contribuição, ao afirmar que não se pode admitir que haja uma total passividade diante dos meios de comunicações e do sistema capitalista. E antes que possa vir a crítica de estarmos sendo incoerentes ao tomar como marco teórico Foucault e Certeau, adiantamos que assumimos tal atitude fazendo nossas as palavras do segundo autor, que afirma ser uma *antiafinidade eletiva* tão importante quanto uma relação de complementaridade.

Nesse sentido, por meio uma “prática silenciosa” como a da leitura e da análise, pretendemos peregrinar pelas imposições projetadas nos signos verbais ou icônicos, articulando aquilo que nos parece desconexo e arbitrário e que nos é apresentado aos pedaços, por meio de “Corpos, Imagens e Poderes”.

Concebemos a construção do conhecimento como oscilação entre aqueles que inventam e os que modificam. Nesse sentido, uma visão mecanicista já não responde ao contexto dinâmico do mundo contemporâneo. Numa transposição de espaços militarmente dispostos, textos e imagens só têm sentido na percepção de seus leitores, numa relação de táticas e astúcias milenares.

Com a “explosão de imagens” e sentidos e o desmoronamento dos dogmatismos sobre o real, talvez ainda não tenhamos entendido que na prática

científica não caminhamos sobre “solo firme”, mas num mundo em que ainda *não aprendemos a olhar*.

Sendo assim, talvez novos sentidos possam surgir na interpretação de nossa realidade social, tendo a hermenêutica como fundamento epistemológico na construção do conhecimento, guiando-nos por vãos imaginários na metamorfose do texto pelo olhar que viaja, criando espaços de sombra e escuridão diante da luz implacável das *Imagens de Poder*.

BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, M. *Non-lieux: introduction à une anthropologie de la surmodernité*. Paris: Éditions du Seuil, 1992.

_____. *La guerre des rêves: exercices d'ethno-fiction*. Paris: Éditions du Seuil, 1997.

CERTEAU, M. de C. *A invenção do cotidiano I: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DA MATTA, R. Para uma teoria da sacanagem: uma reflexão sobre a obra de Carlos Zéfiro. In: MARINHO, J. (Ed). *A arte sacana de Carlos Zéfiro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

FOUCAULT, M. O dispositivo da sexualidade. In: *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 5. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. Direito de morte e poder sobre a vida. In: *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 5. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. *Microfísica do poder*. 4.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREYRE, G. *Casa-Grande & senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GIDDENS, A. *The transformation of intimacy, love and eroticism in modern societies*. California: Stanford University Press, 1992.

KEHL, M. R. Eu vi um Brasil na Tv. In: COSTA, Alcir Henrique da. et al. *Um país no ar: história da Tv brasileira em 3 canais*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MACHADO, R. A genealogia do poder. In: *Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981. p. 187-201.

MAIA, A. C. Sobre a analítica do poder de Foucault. *Tempo Social*, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 83 – 103, out. 1995.

ODÁLIA, N. (Org.). *Varnhagen: história*. São Paulo: Ática, 1979. (Coletânea).

_____. *As formas do mesmo: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

PARKER, R. G. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Best Seller, [19—].

PRADO, P. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia., [19—].

REIS, J. C. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Getúlio Vargas, 1999.

SOUZA BRAGA, U. de. *Das caravelas aos ônibus espaciais: a trajetória da informação no capitalismo*. 1994. Tese (Doutorado em Ciências) – ECA, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

_____. *Ciência moderna e interrogação filosófica: modernidade, identidade e cultura de fronteira*. João Pessoa: EDUEPB, 1997.

VARNHAGEN, F. A. de. *História geral do Brasil, antes da sua separação e independência de Portugal*. 7.ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962.

